

Barreiro “Retaguarda Logística da Expansão Portuguesa” Séculos XV A XVI

Durante a Expansão Portuguesa, o Barreiro teve um papel muito importante a nível nacional como “retaguarda logística dos descobrimentos”. Aqui vamos encontrar, nesse período, a maior concentração de Moinhos de Maré do Estuário do Tejo, no qual, por sua vez, se encontrava a segunda maior concentração do País. Nestes e em todos os moinhos dos concelhos vizinhos moía-se farinha para alimentar o Complexo Real de Vale de Zebro onde era confeccionado o biscoito, alimento base dos marinheiros durante o período das descobertas, das armadas reais e dos fortes de costa. Este pão ázimo, cozido duas vezes e por isso fortemente desidratado, em Portugal, só era confeccionado em Vale de Zebro e na Porta da Cruz.

Para o fabrico do biscoito era necessária uma forma própria, a forma do biscoito, fabricada nos Fornos Cerâmicos da Mata da Machada. Nestes fornos, para além desta forma de uso industrial, fabricavam-se utensílios de carácter doméstico, pesos de pesca e as formas de purga do açúcar, designadas por “Pão de Açúcar”. Estas eram fabricadas em série e destinadas à exportação para os engenhos açucareiros da Madeira, Canárias e Brasil.

Na Ribeira do Coina, no lugar da Telha Velha, foi identificado um estaleiro de construção naval, denominado de Ribeira das Naus do Coina, que trabalhava em complementaridade com a Ribeira das Naus em Lisboa.

Em torno do Complexo Real “estabeleceu-se uma rede de relações sociais, liderada por uma elite de funcionários da coroa, administradores dos fornos, almoxarifes, mestres do Biscoito, mestres dos fornos, moleiros, biscoiteiro, de cuja influência ainda restam alguns vestígios, como a antiga casa senhorial situada no largo da igreja”, ou a Quinta da Estalagem. Bem como há notícia de gentes vindas de muitos sítios do mundo, dando ao lugar uma feição cosmopolita.

A esta população e trabalhando nos fornos, nos estaleiros ou nas casas dos mais abastados, junta-se uma comunidade de escravos que, com o passar do tempo se miscigenou. A sua presença encontra-se atestada pela existência de uma Confraria de N.ª S.ª do Rosário dos Homens Pretos, sediada na Igreja de N.ª S.ª da Graça de Palhais em 1553.

Ano Europeu do Património Cultural

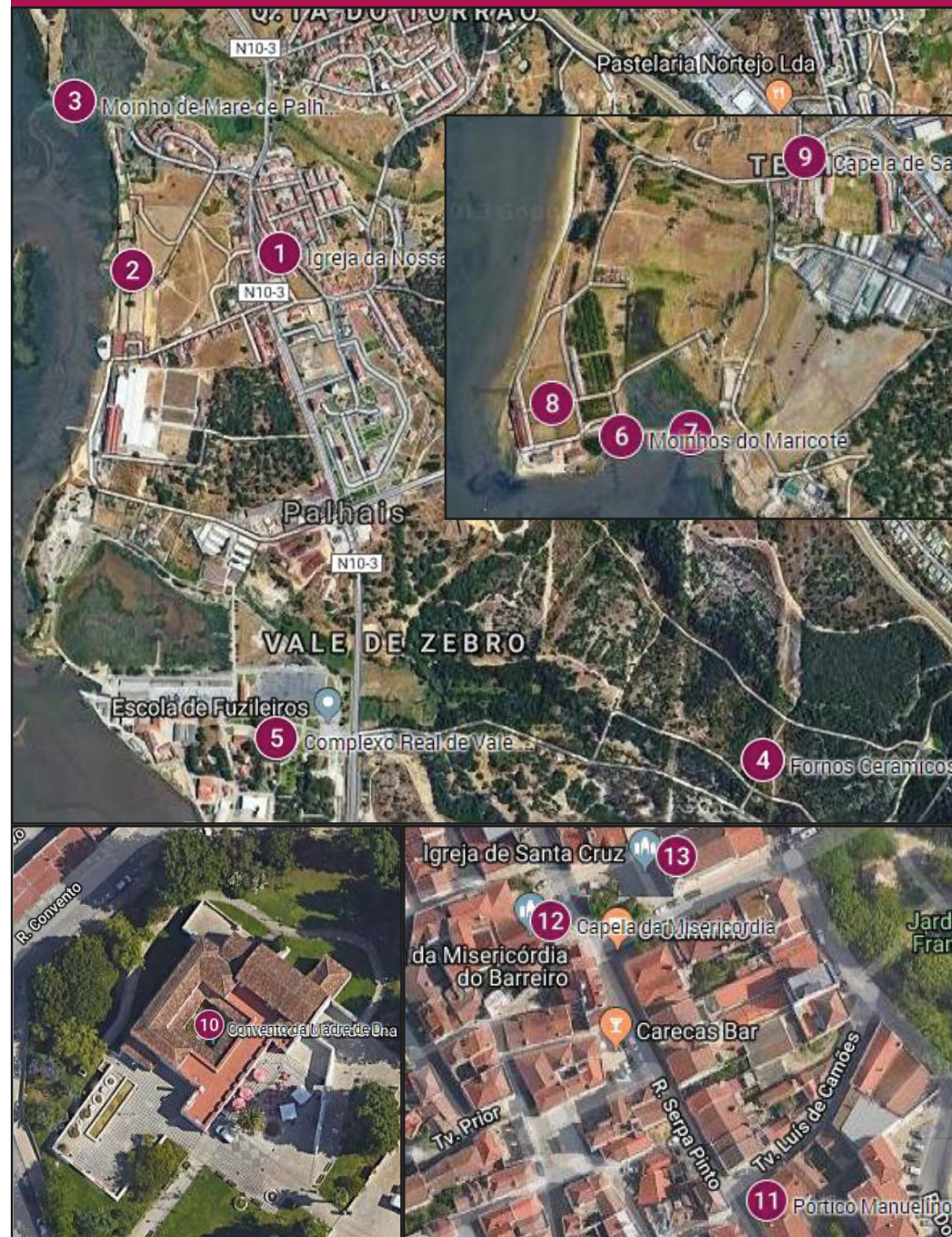
<http://associacaobarreiropratrimonio.pt/ser-socio>
email: abpmf.patrimonio@gmail.com



**JORNADAS
EUROPEIAS DO
PATRIMÓNIO**
28 . 29 . 30 SET 2018

JORNADAS DO PATRIMÓNIO CULTURAL DO BARREIRO

O Barreiro como “Oficinas Gerais” da Expansão Portuguesa



1-Igreja da Nossa Senhora da Graça



Fundada no final do século XV pelos moradores da localidade, de acordo e com o apoio da Ordem de Santiago. É um edifício de nave única rectangular, orientada no sentido nascente poente, de traça quincentista. São do século XVI as capelas laterais e o pórtico principal. Os azulejos primitivos, que revestem as paredes, são do tipo enxaquetado, brancos e verdes. O Portal Manuelino da Igreja de Palhais foi classificado como Monumento Nacional, por Decreto Lei nº 8258 de 10 de Junho de 1922.

2-Fornos de Cal de Palhais



Os Fornos de Cal de Palhais situam-se numa antiga estalagem, posteriormente adaptada a casa de campo. Provavelmente, datados do século XVIII, após o terramoto de 1755, fabricavam cal a mato para a construção civil. É notável o seu processo construtivo.

3-Moinho de Maré de Palhais



A referência mais antiga a este moinho data de 1485, altura em que Pero Mealheiro, cavaleiro da Ordem de Santiago, enviou informação ao Convento de Santiago de Palmela, dizendo que reedificara um moinho que era seu em Palhais.

4-Fornos Cerâmicos da Mata da Machada



Segundo o Professor Doutor Cláudio Torres existia uma antiga olaria, junto a Vale do Zebro, na Mata da Machada. Esta afirmação é resultado das campanhas de intervenção arqueológica que dirigiu e que se centraram no forno a descoberto.

Esta olaria estava rodeada de uma grande mata de pinheiros gerida pela Casa Real, desde XIV, para garantir as madeiras e resinas necessárias para a construção naval, para alimentar de lenha e carvão O Complexo Real de Vale do Zebro, a Real Fábrica de Vidros e Cristalinos e a Mina de Azougue, ambas em Coina.

5-Complexo Real de Vale do Zebro



Os Fornos Reais do Vale do Zebro eram um grande complexo de produção alimentar. Começou a trabalhar em 1448, possuía 27 fornos onde era fabricado o Biscoito e eram um complexo da coroa portuguesa. Tinham um celeiro, onde cabiam sete milhões e quatrocentos mil litros de cereais e um moinho de maré, o Moinho D'El-Rey, com oito casais de mós, o maior a laborar na época.

6-Moinhos do Maricote



Situava-se na praia da Telha, foi construído, no início do sé-

culo XVI, por Pedro Anes Cota. Ainda existia no século XIX, hoje, está completamente destruído.

7-Moinho do Duque



Existia em 1790, sabemos que pertencia ao Duque de Cadaval, tinha seis casais de mós, barco, casa do moleiro e caldeira como era habitual em moinhos de maré. Pertence à Parceria Geral de Pescarias, onde se situa.

8-Parceria Geral de Pescarias, Seca do Bacalhau, Ribeira das Naus do Coina/Estaleiro Naval da Telha



O Estaleiro Naval da Telha, ou Ribeira das Naus do Coina encontra-se documentado desde o século XVII, no entanto, terá existência no período dos Descobrimentos, com função de complementaridade relativamente à Ribeira das Naus de Lisboa. Nos esteiros abrigados do Coina encontram-se documentados desde o século XVII, no entanto, terá existência no período dos Descobrimentos, com função de complementaridade relativamente à Ribeira das Naus de Lisboa. Nos esteiros abrigados do Coina encontram-se documentados desde o século XVII, no entanto, terá existência no período dos Descobrimentos, com função de complementaridade relativamente à Ribeira das Naus de Lisboa. Nos esteiros abrigados do Coina encontram-se documentados desde o século XVII, no entanto, terá existência no período dos Descobrimentos, com função de complementaridade relativamente à Ribeira das Naus de Lisboa.

Mais tarde, o recolhimento do esteiro, a boa navegabilidade da cala do Coina e a proximidade a Lisboa, justificam a instalação de indústrias de seca do bacalhau na Azinheira Velha (Parceria Geral de Pescarias Lda) fundada em 1891, por Abraham

Bensaúde e, mais tarde, a Congimex em Palhais.

9-Capela de Santo André



Antiga Igreja Paroquial de Santo André da Telha, este lugar é uma das primitivas referências do actual Concelho do Barreiro. A Telha é um dos mais antigos topónimos de Alhos Vedros, lugar que existiria na época da reconquista cristã, sendo uma das povoações obrigadas ao cumprimento de um voto efectuado no século XVI.

D. Jorge de Lencastre, filho natural de D. João II e Mestre da Ordem de Santiago, refere-se a este voto em documento datado de 1513. Assim as populações de Barreiro, Lavradio, Moita, Palhais e Telha tinham de realizar, anualmente, uma solene procissão em Alhos Vedros celebrando a vitória dos cristãos sobre os mouros de Palmela, sendo que as suas armas foram ramos bentos de palmeiras, que infligiram uma pesada derrota aos mulçumanos.

10-Convento da Madre de Deus da Verderena



A construção do Mosteiro da Verderena, o 17º da Província de Santa Maria da Arrábida, teve o seu início formal a 18 de Dezembro de 1591, dia consagrado pela Igreja Católica à expectativa do parto de Nossa Senhora, daí a designação do orago: Nossa Senhora da Madre

de Deus. As obras de construção terminaram em 1609, sendo a sua fundadora Dona Francisca de Azambuja, (descendia de uma das mais ilustres famílias do Barreiro do século XV). Depois da morte do seu marido na Batalha de Alcácer Quibir, dedicou a sua vida e fortuna pessoal a este convento, que veio substituir o insalubre convento franciscano de Palhais. É uma construção austera, despojada de bens e riquezas, como é habitual nos convento da Ordem Franciscana Arrábida. Ao longo dos séculos o edifício sofreu profundas alterações, sobretudo depois da Revolução Liberal. É reedificado em 1707 por D. António de la Concha. Em 1843 sofreu alterações para habitação. Em 1969 veio à posse da Câmara Municipal, em estado de ruína, em 1996 foram feitas as obras de reconstrução e, em 1999, foi classificado como Monumento de Interesse Municipal.

11-Pórtico Manuelino da Igreja de São Francisco



Esta igreja é uma das duas que foram destruídas no Barreiro, a outra foi a de Santa Bárbara, demolida os anos 30 do século XX, para permitir o crescimento do Bairro Operário da CUF. A Igreja de São Francisco constrói-se sobre a antiga Ermida de São Sebastião, nos anos 70 do século XVIII. Dada a proximidade com a Igreja Matriz de Santa Cruz, em 1957, o patriarcado assinou a escritura de venda dos terre-

nos e imóveis, onde se situava a igreja, anteriormente ermida à "The Anglo-Portuguese Telephone Company, Ltd", para instalação no local da Estação Telefónica Automática do Barreiro, revertendo o dinheiro da sua venda para a construção da Igreja de Santa Maria. Desta memória sobrevive o Pórtico Manuelino, classificado, que foi restaurado e colocado numa montra a alguns metros da localização original.

12-Capela da Misericórdia



Foi construída em 1569, possui uma só nave revestida a azulejos azuis e brancos do século XVII. Destacam-se dois painéis alusivos à vida de São João Baptista. Na fachada encontramos um portal maneirista com o nome de Isabel Pires de Azambuja.

13-Igreja Matriz de Santa Cruz



Data de 1492, é composta por uma nave e cinco altares. Nas paredes da capela-mor podemos observar dois painéis de azulejos setecentistas e no corpo principal um friso de azulejos da mesma época. Apresenta tecto decorado, em 1877, pelo pintor francês Pierre Bordes. Na fachada principal, orientada a sul, podemos ver um portal renascentista, ostentando as insígnias da Ordem de Santiago.